

Entre os *realia* e os *mirabilia*: Os discursos fantásticos de Mia Couto

Between *realia* and *mirabilia*: Discourses of the fantastic in Mia Couto

GARCÍA, Flavio. *Discursos fantásticos de Mia Couto – mergulhos em narrativas de curtas e de média extensão em que se manifesta o insólito ficcional*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2013. 96p

SHIRLEY DE SOUZA GOMES CARREIRA*

* Doutora em Literatura Comparada (Ciência da Literatura) (UFRJ, 2000). Realizou estágio de pós-doutorado em Literaturas de Língua Inglesa (UERJ, 2004-2005). É membro do Banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior/ BASis, INEP e do Banco de Consultores Ad Hoc da FUNADESP e da FAPERJ. Como ensaísta, tem trabalhos publicados em livros e periódicos do Brasil, México, Portugal, Estados Unidos e Inglaterra. Sua produção ensaística aborda os seguintes temas: pós-colonialismo, poesia, questões de identidade e de gênero, as obras de José Saramago, John Fowles, Salman Rushdie e Milton Hatoum, pós-modernismo, multiculturalismo e a produção textual dos escritores migrantes. Sua pesquisa atual focaliza as relações entre Literatura e Memória Étnica. Exerceu a função de professor adjunto-doutor I na Universidade do Grande Rio por 12 anos, onde também foi Coordenadora do Curso de Letras, Coordenadora do Curso de Especialização em Língua Inglesa, Coordenadora Pedagógica do Núcleo Multidisciplinar de Educação a Distância e Coordenadora do Programa de Mestrado em Letras e Ciências Humanas. É fundadora e faz parte do conselho editorial da Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades da UNIGRANRIO. Atua também como investigadora convidada do Centro de Estudos Linguísticos, Comparados e Multimídia da Universidade Autónoma de Lisboa. Atualmente, é Professora Titular do Curso de Letras da UNIABEU, Coordenadora do Programa de Apoio à Pesquisa, do Programa de Bolsas Institucionais e do Comitê Institucional do Programa de Iniciação Científica. Também exerce a função de editora da Revista e-escrita, do curso de Letras, e da Revista UNIABEU.

O termo “insólito” corresponde ao que é anormal, incomum, extraordinário e que ultrapassa os conceitos de realidade, verdade e até mesmo de gênero literário, pois sua presença na narrativa produz efeitos diversificados, cuja percepção é determinada por fatores como o tempo, o local e a cultura. Assim, é possível afirmar que o insólito ficcional é ambivalente, ou seja, tanto pode ser considerado como elemento constitutivo da ficção em si, como pode depender da percepção do leitor empírico.

O papel do leitor como decodificador do texto tem uma relação intrínseca com a interpretação do insólito no universo ficcional. A percepção deste exige que o leitor proceda à leitura a partir da “suspensão voluntária da descrença”¹, uma espécie de pacto a ser estabelecido entre o leitor e o texto. A aceitação do pacto, ou *quid pro quo*, implica “a identificação do leitor empírico com o leitor potencial da obra, aquele que fora idealizado pelo autor quando da sua escrita, em suma: o leitor capaz de compreendê-la em sua amplitude e em seus mais profundos e ocultos significados” (CARREIRA, 2010, p.105).

Em *Discursos fantásticos de Mia Couto*, Flavio García reúne textos que abordam o insólito ficcional não apenas em uma perspectiva teórica, mas também por meio da análise de narrativas curtas e de média extensão do moçambicano Mia Couto, a fim de demonstrar que “as literaturas africanas de língua portuguesa recorreram a estratégias de construção narrativa comprometidas com a representação do insólito ficcional”, ou seja, com “diferenças instauradas pela incoerência entre a representação mimética verossímil e sua referencialidade no plano da realidade exterior à ficção” (GARCÍA, 2013, p.21).

Efetivamente, a proximidade temporal entre o *boom* da literatura hispano-americana e o processo de independência das ex-colônias portuguesas em África, conforme Flavio García enfatiza, justifica a presença, nas literaturas africanas de língua portuguesa, de estratégias do Realismo Maravilhoso, vertente literária que buscava restabelecer contato com as tradições, crenças e costumes subalternizados pelo Realismo. Aproximadas, assim, essas duas formas de independência, estética e política, não é difícil perceber nas literaturas africanas esse movimento de retorno ao mito, às lendas e crenças autóctones, que Flavio García aborda no primeiro capítulo do livro, dedicado aos “Traços

¹ Termo utilizado por Samuel Taylor Coleridge, em 1817, em *Biographia Literaria*, para especificar o comportamento esperado do leitor potencial dos seus poemas ante a descrição de eventos sobrenaturais.

identitários da realidade moçambicana sob as lentes do maravilhoso”.

Ao invés de buscar nas metrópoles europeias modelos que viessem a moldar suas literaturas nacionais, as novas nações debruçaram-se sobre as literaturas de outras ex-colônias que refletem o imaginário autóctone, como os países da América Latina.

Nesse panorama, floresce a obra de Mia Couto, que, “sem abdicar do cenário maltratado pela colonização e pelas guerras” (GARCÍA, 2013, p. 23), volta-se para a tradição, para a ficção inserida em um mundo permeado por práticas locais, em que o diálogo entre o mundo dos vivos e dos mortos mistura-se aos rituais de magia e feitiçaria.

No segundo capítulo, o autor busca demonstrar que a literatura de Mia Couto consiste em uma “reconstrução mosaica da identidade moçambicana” (GARCÍA, 2013, p.25), desenvolvida a partir do resgate, por meio da ficção, de traços da memória ancestral, acrescidos de um magistral manusear dos fenômenos e aspectos linguísticos, entre eles a tensão entre a língua do colonizador e as muitas línguas locais, a ênfase à oralidade e as “brincadeiras”².

Sendo produto de um contexto histórico, político, social e cultural próprio das nações que conquistaram sua independência após um longo período de dominação, a obra de Mia Couto transforma o espaço da ficção em locus de expressão do discurso contra-hegemônico. Ao fazê-lo, abraça o propósito primeiro da ficção pós-colonial, ou seja, fabricar a identidade nacional por meio da recolha de traços identitários dispersos, manifestando no âmbito da literatura a hibridiz própria do continente africano (GARCÍA, 2013, p. 26).

O terceiro capítulo, intitulado “Insólito ficcional”, consiste em uma reflexão sobre as manifestações do insólito, em que o autor promove uma revisão conceitual do termo em diálogo com tradições teóricas e críticas e manifestações ficcionais. Assim, aborda os diferentes significados atribuídos ao insólito ficcional: como categoria comum a variados gêneros literários ou como um macrogênero, em oposição a um sistema real-naturalista, reunindo sob sua égide um conjunto de subgêneros que têm na presença do insólito um traço comum, dentre eles: o fantástico, o maravilhoso, o estranho, o absurdo

² Inserção de ditos supostamente populares que, na realidade, são criações do autor. Cf. Prefácio de Ana Mafalda Leite em CAVACAS, Fernanda. *Mia Couto: brincadeira vocabular*. Lisboa, Mar Além/ Instituto Camões, 1999, pp.7-8.

e o sobrenatural. Faz, ainda, distinção entre o realismo mágico, o realismo maravilhoso e o realismo animista, analisando as estratégias de construção discursiva que lhes são próprias.

No quarto capítulo, Flavio García aborda a apropriação de estratégias de construção narrativa real-maravilhosas em duas obras de Mia Couto: *A varanda do frangipani* e *Vinte e zinco*. A revisão teórica do realismo maravilhoso, que perpassa textos de Alejo Carpentier, Irlemar Chiami e Bela Jozef, é o ponto de partida para a argumentação do autor de que a literatura moçambicana, ao desviar o olhar dos modelos europeus, encontrou na América Latina, e em particular no Realismo Maravilhoso, a expressão contra-hegemônica que lhe serviu de inspiração.

Em vários textos citados por García, Mia Couto explicita a importância da literatura brasileira, mais especificamente das obras de Guimarães Rosa e Jorge Amado, na gênese da literatura dos países africanos de língua portuguesa. “A cultura brasileira”, conforme afirma o autor, “era um misto amalgamado de *realia* e *mirabilia*, que dava um tom mosaico, híbrido e multifacetado à identidade nacional” (GARCÍA, 2013, p.59).

Nas obras de Amado e Rosa, as identidades plurais nutrem-se de elementos naturais da realidade local brasileira e a sua chegada à África deu-se em um momento histórico em que, segundo as palavras de Mia Couto, faltava-lhes ser nação. Coube assim ao Brasil entregar às literaturas africanas de língua portuguesa “essa margem que lhes faltava para ser rio” (Couto *apud* GARCÍA, 2013, p. 57).

Em “Insólita sublimação em *Mar me quer*”, Flavio García demonstra que contemporaneamente não há como encarar como novidade a abordagem da obra de Mia Couto sob os pressupostos crítico-teóricos do Fantástico, seja na perspectiva genológica, que constitui o fantástico clássico, seja na perspectiva modal, que, segundo Furtado (1980), engloba um conjunto infinito de gêneros. O capítulo tem por objeto uma leitura crítico-interpretativa de *Mar me quer*, que se apoia em perspectivas teóricas do fantástico que perpassam a questão dos temas conforme Todorov, a noção de motivo segundo Tomachevski e os conceitos de desfamiliarização e estranhamento formulados por Chklovsky.

Os eventos insólitos em *Mar me quer* cumprem a função de instaurar a dúvida, fazendo com que a hesitação permaneça e o desfecho mantenha-se

indefinido, condição básica à consumação do gênero fantástico.

O último capítulo, intitulado “Personagem insólita, em ‘A gorda indiana’”, focaliza aspectos que, interrelacionados, implicam a estruturação das categorias essenciais da narrativa, ou seja, ação, personagem, tempo e espaço. García dá ênfase à categoria personagem em sua análise, uma vez que a semiotização do insólito ficcional ocorre no “corpo” da mulher, na sua caracterização física, que se transforma de um polo a outro, até desaparecer por completo, rompendo as barreiras da lógica, do espaço e do tempo.

Garcia revisita os textos de Mia Couto, lançando-lhes um olhar que encontra o seu espaço em meio à fortuna crítica da obra do autor moçambicano, que focaliza, dentre outras abordagens: a sua retomada das culturas orais africanas, por meio da reinvenção literária de histórias tradicionais que traduzem a mundividência dos povos moçambicanos ágrafos; as inovações e transgressões da linguagem; a resistência através do cultivo da memória; a reflexão sobre a complexidade da formação cultural do país via ficção; e a busca da identidade para a nação no período pós-independência.

A presença do fantástico nas literaturas africanas, em particular, é alvo de controvérsias, na medida em que há quem, a exemplo de Gilberto Matusse (*apud* BIDINOTO, 2004, p.41), considere que “o conceito de fantástico é formulado a partir de uma visão de mundo fundamentada no modelo racionalista ocidental”, enquanto as literaturas africanas “são produzidas dentro de um contexto onde vigoram outros modelos de pensamento”.

A obra de García, conforme bem explicita Jane Tutikian em sua Apresentação, não estabelece princípios que neutralizem óticas divergentes dos africanistas. A visão do autor é de que mesmo a literatura de uma cultura como a africana, em que não há estranhamento em relação ao trânsito entre o natural e o sobrenatural, pode suscitar no leitor empírico reações compatíveis com o conceito do fantástico, provocando uma inquietude frente à possibilidade de que se crê impossível.

Assim, a presença do fantástico nas literaturas africanas de língua portuguesa, como bem exemplificam os textos de Mia Couto selecionados por Flávio García, não estaria necessariamente presa à hesitação intratextual, ou seja, ao plano do universo ficcional, da diegese, onde os seres de papel transitam, mas assumiria um caráter extratextual, concretizado pelo leitor empírico, no ato da leitura.

Referências Bibliográficas

- BIDINOTO, A. M. *História e mito em Cada homem é uma raça*, de Mia Couto. 2004. 145 f. Dissertação (Mestrado em Letras) –Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria-RS, 2004. Disponível em: http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=198 >. Acesso em: 20 fev. 2012.
- CARREIRA, Shirley de S. G. Relações entre o insólito e os leitores empírico e virtual. *Caderno Seminal Digital*, Rio de Janeiro, Ano 16, nº 14, V. 14, p. 102-115, Jun.- Dez/2010.
- COLERIDGE, Samuel Taylor. *Biographia Literária*. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/6081/6081-h/6081-h.htm>. Acesso em: 23/12/2013.
- FURTADO, Filipe. *A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa: Horizonte, 1980.
- GARCÍA, Flavio. *Discursos fantásticos de Mia Couto – mergulhos em narrativas de curtas e de média extensão em que se manifesta o insólito ficcional*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2013.
- LEITE, Ana Mafalda. “Prefácio”. In: CAVACAS, Fernanda. *Mia Couto: brincariação vocabular*. Lisboa: Mar Além/ Instituto Camões, 1999. pp.7-8.